Ano III (Segunda epoca) — Sabado, 25 de Janeiro de 1908. — Num. 2.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580 — SÃO PAULO (Brasil)

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

Aux journaux ouvriers de l'extérieur

Nous prions tous les jornaux ouvriers de nous faire le service d'échange de leurs publications.

Adresser tout ce qui concerne ce journal à

LUTA PROLETÁRIA
Caixa Postal 580
S. Paulo—Brésil.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organisar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* deve ser dirijida á CAIXA DO CORREIO 580.

Sejamos francos!

Muitas vezes, alguns companheiros mesmo entre os mais àtivos no movimento operario, têm-nos manifestado, ideias e opiniões que julgamos dignas de serem tomadas em seria consideração. Dizem estes nossos camaradas: «Nós queremos trabalhar pelo sindicato, queremos pagar as nossas quotas, não desejamos outra cousa a não ser a sua prosperidade, mas seria necessario que todos fizessem o mesmo. Em quanto ficarmos reduzidos a uma pequena minoria, não se adeanta nada. Procuremos um meio para chamar ao Sindicato a maioria dos nossos companheiros. A não ser assim, é tempo perdido, e os nossos esforços serão inuteis».

Achamos isto uma desculpa, uma pequena escapadela para justificar o seu pouco zelo pelas coisas do Sindicato.

E' um facto que a maioria dos nossos companheiros de trabalho não conhecem a utilidade da luta entre capital e trabalho, seja porque ninguem lha demonstrou, seja porque não tiveram o ezemplo prático desta utilidade, seja enfim, porque os prejuizos estão de tal modo enrraizados no seu cerebro, que não chegam a compreender a sociedade humana bazeada sobre uma forma económica que não seja a àtual esploração do homem sobre o homem.

E' um facto que as nossas sociedades só contam um numero muito limitado de socios em comparação com a totalidade dos operarios da classe, mas é um facto tambem que este punhado de camaradas é a flor, por assim dizer, das enerjias operarias, são precizamente aquelles que têm podido livrar-se de alguns prejuizos, enfim compenetraram-se das suas condições e da necessidade de melhoral-as. E estes companheiros, mesmo sendo poucos, podem, querendo, dar impulso, força e solidez ao movimento, mas a sua àção, a sua força de vontade seria quebrada se, por um mal entendido espirito de agrupação, quizessemos fazer das nossas sociedades um complecso de operarios inconcientes: quantas vezes o obstrucionismo a obstinação dos inconcientes tem impedido a realização de um movimento que, talvez, poderia trazer-nos bons rezultados?

Foi principalmente por este facto que as grandes corporações operarias Norte-Americanas e de diversas nações europeias, que contavam milhares de socios e milhões de francos de capital não têm conseguido até hoje o que foi possivel conseguir em outras nações onde o movimento operario è muito menos forte de aderentes, mas, em relação, mais conciente e mais disposto à luta.

Certo, quanto maior for o numero de operarios sindicados, maior àtividade e enerjia poderão os sindicatos por em pratica, mas è necessario que os operarios venham á liga com um conceito mais ou menos formado do seu fim e do seu caràter, é precizo que os nossos camaradas vejam no sindicato o seu espirito de luta contra o maior dos nossos inimigos: O Capitalismo. E' precizo que se chegue ás nossas sociedades disposto a ajir. Cazo contrario, se quizermos reparar esclusivamente no numero dos associados, se continuarmos na idéia de ezijir participação na liga de todos ou da maioria dos operarios sem cuidar, antes, de despertar a sua conciencia, a fim de convencê-los da utilidade da luta operaria, se fizermos dos nossos sindicatos um amálgama de individuos sem conciencia, vernos-emos impedidos em nossa àção pela preponderancia de uma força contraria aos fins e aos métodos dos nossos sindicatos.

Ao passo que sendo o sindicato uma união de forças, de operarios mais ou menos concientes de seus direitos, êle será um centro de àção capaz de iniciar serios movimentos de rebeldia, aos quais a grande massa dos indifferentes não deixará de dar o seu apoio valioso porque incitada pelo entusiasmo ou por ser convencida dos beneficios que estes movimentos lhe poderão trazer.

Não nos amedrontemos portanto, se a maioria dos nossos irmãos de trabalho fica indiferente á nossa obra de organização de classe, não pensemos que, sem êles, os nossos esforços fiquem estereis—pelo contrario, trabalhemos para convencê-los, para chamal-os com o ezemplo á luta em salva-guarda aos seus interesses de classe, mas não desejemos que a nossa àção seja limitada pela inconsciencia dos que têm a infelicidade de não compreender-nos.

O nosso Congresso

Como dissemos no numero passado, em vista da próssima realização do nosso segundo Congresso dezejariamos iniciar entre os nossos camaradas uma discussão franca e leal sobre os mais importantes assuntos que têm relação com o movimento operario.

Para que as ideias espressas no nosso apêlo, que achamos digno de merecer a aprovação dos companheiros, possam ser postas em pratica dirijimos a todos os operários a seguinte pergunta, á qual pedimos uma resposta por escrito, seja lá como for, que iremos publicando para que as diversas opiniões sejam avaliadas e discutidas.

Quais são, conforme o vosso parecer, os ensinamentos que os movimentos do ano passado trousseram aos operarios do Estado?

Esperamos que os companheiros não hão de querer descuidar-se desta iniciativa que, indiscutivelmente, póde trazer-nos muitos e bons rezultados.

Operários!
Lêde a LUTA PRÓLETÁRIA.

O TRADE-UNIONISMO INGLEZ

1. Historia

O movimento trade-unionista inglez é o movimento operário mais antigo do muudo, o que se esplica por ter o capitalismo começado, històricamente, na Inglaterra, onde claramente se manifesta desde os meados do seculo XVIII.

Esse movimento trade-unionista passou por varios períodos sucessivos e bastante contraditórios.

O primeiro período vai desde o levantamento do Bloqueio continental (a boicotajem decretada à Europa por Napoleão contra a Inglaterra) até á instauração do livre cámbio (1814-1848): é caràterizado pela prática continua da àção dirèta sob a sua forma mais violenta. Por motivos das grandes crizes de desocupação de 1814 a 1818, os centros industriais da Inglaterra central estiveram muitas vezes em insurreição, e foi preciso um morticínio, em agosto de 1818, para restabelecer a «ordem» em Mànchester.

A luta era dirijida ao mesmo tempo contra o Estado e contra o patronato. Este período, chamado Cartismo, marcou um melhoramento consideravel na condição da classe operária ingleza.

O segundo período seguiu a instauração do livre cámbio, em 1846. E' uma época de prosperidade inaudita; a Inglaterra tornou-se uma vasta oficina e um depózito, e os seus capitalistas enriqueceram vendendo ao mundo inteiro, feito fréguez dêles, os produtos da industria capitalista de que a Inglaterra tinha então um quazi-monopólio.

Quando a Europa continental era ainda povoada na maioria por camponezes, foram os capitalistas inglezes que lhe forneceram os produtos manufàturados, e eram tais os lucros, que esses capitalistas puderam, sem muito má vontade, repartir com os seus operários.

As trade-unions (*) (uniões de oficio) esquecem a àção enerjica perante um patronato disposto a negociar e a evitar conflitos, lembrando-se dos antigos.

Habituado ás negociações, o operariado tudo se poz a esperar dêlas, mesmo quando se tornava necessaria a batalha. O seu horizonte restrinjia-se ao egoismo corporativo, e como lhe tinham tornado toleravel o salariato, deixou de esperar livrar-se do salariato, que considerou como sua condição definitiva.

Esta época de prosperidade mercantil marcou uma profunda decadencia do espirito inglez, e um dos factos mais tristes verificados pelos que viveram na Inglaterra é o da mentalidade escluzivista, acanhada, mesquinha, do operário inglez, sem entuziasmo e sem ideal, embrutecido de Biblia, cerveja e respeito.

Com tal adversário estava a burguezia ingleza como queria. Quando ás vacas gordas sucederam as vacas magras, lá se foram as conquistas do trade-unionismo.

Aí por 1882, houve un despertar de enerjia. Manifestou-se um «novo unionismo», praticando a àção direta, nas massas operárias que tinham permanecido fora das velhas trade-unions, associações aristocraticás dos operários qualificados.

Graças a uma prática judicioza da áção direta, e a um limitato respeito pela doçura e pela legalidade, o novo unionismo rejista numerozas vitórias. a mais celebre das quais é a da greve das Docas de Londres, em 1889, que elevou os salários em todo o East-End.

Mas foi um fogo de palha. «O novo unionismo» não tinha doutrina económica preciza, era insuficientemente animado do ideal comunista; em vez de constituir sindicatos de *indústria*, recai logo no atoleiro dos sindicatos de *oficio*, e, uns dez anos depois, no movimento operário inglez havia uma só tendencia, que reùnia o que o velho e o novo unionismo tinham de peor.

Foi o triunfo da «tática dos vintens acumulados». Enchamos as nossas caixas, distribuamos fortes subsidios de greve, sejamos calmos, calmos, calmos... Infelizmente as caixas do patrão estavam mais cheias que as da trade-union, e a tática dos vintens juntos deu em rezultado — como era fatal e lójico — dezastres.

A grande greve dos mecánicos (1879) foi a mais brilhante demonstração da impoténcia dessa tática. As trade-unions gastaram dezenas de milhões e foram batidas.

(*) Lêr: «treidiúniānes.

2. Mutualismo e cozinha eleitoral

As trade-unions têm fartas caixas. Ora, uma famoza decizão dum tribunal, no cazo *Taff Vale*, tornou as uniões *pecuniàriamente responsaveis* em cazo de violencias ou de rupturas de contrato.

O cazo Taff Vale teve um eco considerável. Como as uniões eram solviveis, podiam os patrões arruiná-las com processos de perdas e danos, cazo élas tentassem a menor greve perigoza. Quanto mais rica fosse uma união, mais vulneravel se tornava.

A comoção foi grande sobretudo entre os funcionários unionistas: o Taff Vale ameaçava esvaziar as caixas de que êles viviam bastante cómòdamente: urjia salvar a caixa.

Para salvar a caixa, pensaram êles, ha só um meio: sermos deputados, e uma vez deputados, fazer anular o Taff Vale: foi esta a orijem da *Labour Representation Commitee* (Comissão eleitoral operária).

A trade-union fez-se então organização eleitoral, e o négocio rendozo, após o mutualismo, foram as eleições. Os secretários de trade-unions compuzeram o pessoal dos candidatos.

Partido politico eleitoral e sindicatos acharam-se, pois, confundidos.

3. Alguns algarismos

Qual foi, pois, o rezultado dessa tática, contrária á que é seguida em França?

Em primeiro lugar, nada ganhou o socialismo com éla. Entre os deputados operários, a maioria repudia o socialismo, e se alguns aceitam esta etiqueta, recuzam, porém, reconhecer a luta de classes. Que pode restar do socialismo, quando lhe tiram a parte essencial, a luta de classe?

Entre os deputados operários, ha (eleições de 1906): 15 antisocialistas, 13 socialistas que negam a luta de classe; 1 socialista. Esses deputados não vão ao parlamento como campões duma classe, mas como reprezentantes de interesses de loja das sua associações corporativas.

Em segundo lugar, *a Inglaterra é o unico paiz do mundo onde o efètivo sindical diminue:* 1.940.874 operários sindicados em 1901; 1.866.755 em 1904. Lonje de ser debilitado pelas grandes greves derrotadas em 1897-98, o efètivo sindical atinjira o seu apojeu de 1899 a 1901; mas diminuiu desde que as trade-unions fazem àção eleitoral. Quanto mais eleitoral é uma união, mais sofre. Os gazistas deceram de 47.979 em 1900 a 29.631 em 1904, mas o secretario Will Thorne, é deputado.

Em terceiro lugar, *o dinheiro serve cada vez menos para as greves, e cada vez mais para as obras escluzivamente mutualistas* (subsidios de desocupação, de doença, de funerais, apozentações, etc.).

Em 1904, elevavam-se a 3.161.150 francos as despezas de greve, e as mu-

tualistas a 37.462.875 francos. De 1897 a 1904, a proporção dos gastos de greve decia de 34 % a 6 %, ao passo que a proporção dos gastos mutualistas subia de 48 % a 73 % do total. Em 1904, 6 % para greves, 73 % para o mutualismo e 20 % para papelada e funcionários trade-unionistas.

Desde que não ouzam bater-se, as uniões de oficio põem um ardor infantil em entezourar, em encher os cofres, donde gastam os seus funcionários em tempos de eleição. Entradas em 1895: 42.793.325 francos, isto é, 45 fr. 05, por cada associado; entradas em 1904: 115.405.750 francos, isto é 102 fr. 30 por cabeça.

E não venham deslumbrar-nos com esses milhões, porque não é com *cem francos por cabeça* que os operários poderão vencer, na luta dos vintens, os milionários e os bilionários. (Quando um sindicato tem em caixa quinze dias de subsidios de greve, e este não triunfa ao cabo de 15 dias, já não tem probabilidades de êzito. A greve vence de surpreza, ou adeus!)

As trades-unions são associações de tendências aristocráticas: a média das quotas varia de 25 a 37 francos e meio, e o mássimo atinje 101 fr. e 25 cent. por ano, incluido a joia.

As trade-unions são associações mutualistas de conservação social; em 1903-905, a elevação do preço do algodão bruto cauzou uma grande falta de trabalho nos distritos algodoeiros do Lancashire; se nesse momento não se produziu um movimento revolucionário, foi por cauza dos subsidios de desocupação das uniões, que esvaziaram as suas caixas para salvaguardar a tranquilidade capitalista, mostrando assim que na verdade são, como diz Mark Hanna, o «último baluarte contra o socialismo».

John Burns, o Millerand inglez, que as conhece bem, escrevia em 1872: «As uniões de oficio impõem a seus membros quotas esmagadoras, a tal ponto que, com medo de não poderem satisfazer as suas obrigações mutualistas, os associados submetem-se muitas vezes, sem protesto, a todas as pretensões dos seus patrões».

Eis o que são as célebres trade-unions inglezas! O seu sistema, importado nos Estados Unidos, ali produziu rezultados ainda mais assustadores. E' o que procuraremos espor num próssimo estudo sobre as uniões de oficio norte-americanas.

A. BRUCKÉRE.

Para o próssimo numero outro estudo do mesmo autor: O TRADE-UNIONISMO NORTE-AMERICANO.

O MOVIMENTO EM S. PAULO

Os Chapeleiros

A greve continua inalterada. Pode-se dizer ter ella chegado ao seu ponto culminante em que uma indecizão, um esfriamento de entusiasmo pode levar á ruina todo o trabalho até hoje feito, come um acto de enerjia e de solidariedade pode acelerar o triunfo da causa dos operarios.

Os patrões, que não têm podido quebrar a solidariedade operaria nem com as brutalidades da policia, nem com as ameaças de despedida, estão recorrendo ás ultimas tentativas, estão agora fazendo os ultimos esforços para vencer com o engano iludindo a bôa fé dos grevistas.

Com promessas de dinheiro conseguiram apanhar na lama uma duzia de vagabundos, de canalhas e tem-nos levados para a fabrica, amarrados como cachorros, para que lhes sirvam de comparsas. Os operarios, pensam êles hão de ficar iludidos, hão de cair na armadilha e voltarão ao trabalho.

Mas enganaram-se!

Desta vez o cartucho fez fiasco e o ruido não amedrontou sequer os passaros.

Os chapeleiros discutiram a manobra e demonstraram saber avaliar a importancia da insidia dos patrões. E assim devia ser!

Em qualquer movimento é sempre este a ultima das tentativas de salvação que os burgueses põem em prática e é muito natural que a esperiencia tenha demonstrado a sua ineficácia.

Os patrões precizam que as bestas de carga voltem a produzir-lhes a riqueza, a encher-lhes os cofres de ouro, e se lhes faltar a força desta, faltar-lhas-á a possibilidade de continuar na sua vida de ociosos parazitas. Tudo que êles dizem em contrario é proza, tudo é mistificação, tudo mentira. Eles sabem, como nós, que fechar a fabrica quer dizer renunciar a uma fortuna; portanto dizem-no mas nunca o farão: êles sabem que os vagabundos, os que nunca têm trabalhado no oficio não lhes podem dar um trabalho em condições de ser posto no mercado da venda e que se continuarem a pagar a estes bonecos o salarios de operarios para deixa-los passeiar á roda das máquinas, os prejuizos financeiros aumentarão dia a dia; êles sabem tudo isto mas obstinam-se em querer contar mentiras para enfraqucer nos grevistas o espirito de solidariedade. E estes respondem aumentando de átividade, e conservando a mais lisonjeira unidade no movimento.

Os chapeleiros não ignoram a importancia que a sua derrota poderia ter no meio operario daqui, e têm-se mostrado dispostos a todos os sacrificios para conservarem inalteravel o horario de 8 horas.

Aos operarios de todas as classes incumbe agora o dever do cooperar *de qualquer modo* para a vitória dos grevistas.

Eles **devem ganhar**, custe o que custar, embora nos vejamos obrigados a recorrer a meios estremos para fazer triunfar a sua cauza.

Os chapeleiros não se amedrontaram, não enfraqueceram ainda, mas no dia em que isto se desse, o dia em que os chapeleiros em greve, por qualquer motivo se vissem impossibilitados de resistir a todas as infames manobras dos burguezes e seus aliados, no dia em que a greve ficasse em perigo, todos os operarios de S. Paulo se deviam lembrar que a solidariedade não é, não pode ser uma palavra vã e que não é bastante dar mil réis para matar a fome dos grevistas, mas que é preciso dar-lhes todas, todas as nossas enerjias de homens esplorados pelo inimigo comum, esmagados pelo mesmo monstro. Entretanto, escutai, operarios de S. Paulo: Os acontecimentos podem variar de um dia para outro. Preparai-vos! Pela defeza das *8 horas de trabalho* sará precizo, talvez, a vossa cooperação. Custe o que custar as *oito horas* não devem ser tiradas nas duas fabricas de chapeus átualmente em greve! Abandonar os nossos irmãos no momento mais critico da luta seria um crime.

A postos, operarios de São Paulo! Preparai-vos!

Pequenas notas

*** A policia não tem desmentido nesta greve a sua *fama*.

Perseguições, ameaças, invasão de domicilio, tudo foi posto em pratica por ela, no cumprimento de seu oficio. A agressão brutal, cobarde de que foi vitima o camarada Baldi, um grèvista da casa Villela, tem despertado em todos os espiritos livres, sem distinção de partido ou de ideias o mais revoltante nojo. Na segunda feira passada este nosso camarada foi agredido por capangas e secretas de revólver em punho emquanto estava conversando com uns companheiros á porta de uma venda. Tendo conseguido escapar das mãos dos *cosacos republicanos*, estes criminozos correram sobre ele invadindo, sempre armados de revolver, o domicilio de outro camarada e conseguiram prende-lo depois de ter ameaçado mulheres, crianças, e semeado o terror pelo seu caminho.

Coisas da Russia, como se vè, mas que são toleradas na nossa *democratica republica*.

*** Do Rio chegaram aqui quatro ou cinco chapeleiros convidados pelo Villela para furar a gréve. Consta porem que os taes chapeleiros são uns finorios da primeira agua. Embolsaram o cobrinho, comem e bebem aqui á custa do patrão mas não querem saber de ir trabalhar na fabrica emquanto durar a greve.

Desejariamos ver de que comprimento ficou o nariz dos patrões.

*** Os chapeleiros da fabrica Ramenzoni zangaram-se conosco pelas verdades publicadas no numero passado da «Luta» e publicaram na «Secção Livre» dos jornaes, um comunicado procurando esplicar-se.

Entretanto não puderam negar este factó: que elles continuaram a trabalhar deixando na rua dois companheiros de officina que até então tinham-lhes dado toda a sua solidariedade.

Reflictam os operarios de Ramenzoni e convencer-se-ão de ter dado um passo falso.

Trabalhadores em vehiculos

Os operarios da fabrica de carros de Angelo Fossati, outro amigo e admirador do proletariado, continuam em gréve. O patrão procedeu, está procedendo como todos os patrões, com a valiosa cooperação de 5 *krumiros*, pobres diabos que hão de ficar corcundas de tanto baixar as costas para lamber as botas do patrão que, aliás, lhes dará amanhã com essas mesmas no fim do espinhaço quando dos seus bajulamentos não precisar mais.

Dizem os companheiros do sindicato que o tal Fossati tem fornecido á policia o nome dos seus ex-operarios. Isto não nos maravilha, nem devem os camaradas ficar ádmirados.

São todos iguaes!

Entretanto o Fossati com o seu procedimento não faz senão prejudicar a sua situação, porque os operarios do sindicato estão dispostos a não deixar de lado nenhum meio para desmascarar publicamente elle e aos seus puxa-sacos. Alem disso sabemos que uma antipatia estão demonstrando os diversos proprietarios de carros e carroças da cidade para com a sua officina porque compreenderam ser ella um covil de carneiros, e porque os trabalhos que dali saem são todos mal feitos.

E' escusado! Lutar contra a vontade operaria é como brigar com a parede: sempre a gente sai machucada.

O Avanti! *continua dando couces. No dia 21 publicou uma carta aos operarios paulistanos» cheia de mentiras e insinuações malignas.*

Algumas das mentiras foram por elle réitificadas no dia imediato, outras la ficam esperando retificação.

Pelo resto... não somos ingenuos e não o tomamos a serio.

Aos Tecelões

Companheiros

Não sabemos porque esta grande apatia se tem apoderado de vós. No periodo de formação do nosso sindicato e mesmo nos primeiros tempos da sua vida, as reúniões eram mais ou menos numerozas; todos vos interessaveis pelo progresso da sociedade e todos criamos que, com o decorrer do tempo, o nosso sindicato chegaria a ser um colosso, com muito proveito nosso. Mas qual não foi o meu espanto ao ver que este entuziasmo ia pouco a pouco esfriando até fazer-nos chegar ao cumulo da pouca vergonha? De facto, a nossa maior entrada foi, em Agosto, de 79$500 e desde então para ca tem constantemente diminuido, tanto que no mez de Dezembro foram cobradas mensualidades apenas na importancia de 31$.

Isto, companheiros, não pode, não deve continuar assim, porque se assim continuar, serà a nossa desgraça.

Mesmo agora nos achamos muito atrás dos outros sindicatos de S. Paulo, quando a nossa classe è, pode-se diser, a mais numeroza de todos.

Isto, já o disse, é para nós uma pouca vergonha que nos coloca na pozição de párias do proletariado. Bem compreendo que, na nossa classe, temos muitos inconcientes, porque ha muitas crianças e muitas mulheres sujeitas á esploração da familia, não menos prejudicial que a esploração capitalista. Mas elevanndo-se a nossa classe a uma cifra tão alto não haverá no nosso meio quinhentos ou seiscentos operarios e concientes? Impossivel! E' o medo, a apatia, a falta de vontade que vos têm acobardado desse modo.

Camaradas! Eu vos aconselho que saieis desta situação tão vergonhosa que vos põe em condições de brutos, que sacudeis, uma vez para sempre, esta apatia que vos humilha. Vinde, companheiros, engrossar as nossas fileiras, aumentar o numero dos combatentes pela nossa emancipação, defender os nossos sagrados direitos, consolidar a nossa causa, a ajudar-nos enfim na luta que empreendemos contra os nossos esploradores.

COMPANHEIROS:

Todos os que dezejam fazer parte do sindicato ou que têm alguma proposta a fazer, esplicação a pedir, podem entender-se com o nosso secretário que se acha todos os Domingos no Largo do Riachuelo 7-A (Sobrado) das 9 as 11 da manhã.

O Secretário

SALUTSTIANO MARTINS.

Vieram á nossa redação alguns dos contra-mestres da fabrica de tecidos «Mariangela» pedindo-nos uma rectificação sobre o que a seu respeito se dizia no manifesto dos Tecelões *no nosso numero passado. Dizem êles:*

Que não é verdade que êles tenham influido para convencer os operarios a voltarem á fabrica na ocazião da greve de Maio, e mesmo alguns dêles quando os operários tornaram ao trabalho, estavam ainda detidos na central tendo sido prekos no assalto da policia á Federação; que a questão do vinho é um costume vijente em todas as fabricas de S. Paulo e é indecoroza insinuação dizer que possa têr influido sobre a diminuição das tabelas.

Que o Salustiano Martins não quiz aceitar umas condições vantajozas que os mesmos lhes tinham arranjado e em consequencia destas condições podia voltar quanto antes a trabalhar na fabrica.

Aqui está o protesto dos contra-mestres.

A Commissão do Sindicato dos Tecelões *nos envia para ser publicado um protesto contra a publicação feita por alguns socios a respeito das convocações de assembléas.*

Por fata de espaço resumimos: Dizem os camaradas da commissão:

1.º que não mandaram a publicação aos jornaes porque a experiencia demonstrou que isso não adeanta nada porque os tecelões não têm dinheiro para comprar jornaes, nem tempo para lè-los.

2.º que foram expedidas 112 circulares, e se alguem não a recebeu não é culpa da commissão.

3.º que se os protestantes *fossem bons socios deviam levar suas razões na assemblea onde se discutem os interesses sociaes e não andar implicando com istorias nos jornaes.*

Conferencias

Os "tiradores de Areia"

são convidados para assistir á conferencia que sobre o tema «NECESSIDADE DA ORGANISAÇÃO» terá o companheiro Sorelli, Sabado 25, as 7 e meia de noite na AVENIDA TIRADENTES 180.

Aos Pedreiros

Os operarios pedreiros são convidados para uma conferencia de propaganda organizada pela UNIÃO DOS PEDREIROS no prossimo Domingo 26, as 2 horas, no bairro da Barra Funda, no Salão a Rua Lopes Chaves 31, que foi cedido gentilmente pela Sociedade «União Operaria de S. M. da Barra Funda».

Aos operarios pintores de S. Paulo

Companheiros

Teimando no nosso esforço de agrupar totos os trabalhadores da nossa classe em S. Paulo, de novo fazemos um calorozo apêlo à união e á solidariedade, convidado-vos a todos, socios e não socios da Liga dos "Trabalhadores em Pintura", para uma reunião que se realizará no domingo 26 do corrente a r. BOA VISTA N. 22 Salão Artistico.

Separados, somos fracos em frente dos patrões, porque elles dispõem do capital, de todos os meios de produção, podem esperar, e nós só temos os nossos braços, e não podendo esperar, não tendo reservas e achando em toda a parte condições iguaes, temos de ceder ás exigencias, ás imposições do empreteiro, do patrão. Só pela união, pela solidariedade é que nós podemos resistir, concertando-nos, combinando-nos, para não fazermos concorrencia uns aos outros, para não lutarmos entre nòs, e para não cedermos ao patrão.

Eis porque devemos unir-nos. Eis as vantagens da associação. Sem ella, teriamos que nos curvar humildemente diante do empreiteiro, aceitar todas as suas condições.

O pequeno esforço que possais fazer pela união é bem compensado pelas vantagens que ella vos dá. Pecuniariamente, a pequena quota que dais ou dareis á Liga, e que gastarieis talvez, se não a désseis, em insignificancias, foi mais do que duplamante paga pelas vantagem que da união resultaram: as 8 horas e o pagamento quinzenal. Moralmente, sentis-vos, ao lado dos vossos companheiros, mais fortes, mais conhecedores da vossa força e dos vossos direitos, mais confiados e altivos.

Os nossos exploradores, os mestres de pintura, procuram constantemente desunir-nos, porque a nossa desunião è o triunfo para elles. Procuram reconquistar o que ganhámos com a união, e o que, se formos unidos, conservaremos; e para isso servem-se da todos os meios, sobretudo da promessa traiçoeira e do lôgro.

Prometem-vos, por exemplo, o pagamento de horas suplementares; mas assim vos acostumam a esse trabalho suplementar; assim fazeis concorrencia entre vós, ocupando o lugar de outros e fasendo baixar os salarios, porque os salarios baixam quando ha falta de lugares e ha muitos operarios desocupados, e sobem quando ha falta de operarios; e assim perdeis o gosto do descanso merecido, que conquistàmos com a solidariedade.

E' preciso resistir às ameaças, exigencias, promessas falazes e armadilhas dos patrões; e, para isso, ao mesmo tempo que deveis ser dignos e firmes diante delles, deveis unir as vossas forças á dos vossos companheiros e procurar que os vossos companheiros venham associar-se á nòs. Deveis fazer propaganda da união e incita-los á resistencia, á defesa dos seus direitos e ao melhoramento da sua situação. E isto sempre, em todos os lugares, sobretudo onde se trabalha. Constantemente deveis fazer sentir aos

não associados, aos submissos, a necessidade da união e da resistencia e a indignidade da sua atitude, a traição do seu procedimento.

Temos muito ainda que fazer. E' necessario que os mestres que teimam em não annuir ás nossas justissimas reclamações sejam levados a ceder, ante a coligação das nossas forças, pela greve, se for preciso. E para isso devemos unir-nos, é urgente que nos associemos e que lutemos.

Em quanto houver patrões e operarios, em quanto os meios de produzir não estiverem nas mãos dos proprios produtores associados, haverá luta; os patrões procurarão pagar o menos possivel pelo maior numero possivel de horas de trabalho, tirar o maior proveito da sua situação privilegiada, e nós, não podendo resistir separados, temos que lutar unidos, temos que recorrer á associação para a resistencia. Ou nos deixamos espoliar de tudo mansamente, ou resistimos com decizão — e para este fim, precisamos de energia e de união.

Companheiros! Unamo-nos!
Todos, sem falta, á reunião!

COMPANHEIROS!

Uma vez todos associados, a Liga se propoe, de obrigar todos os mestres a pagar quinzenalmente e a fornecer a ferramenta, pois que os brochas e pinceis não é ferramenta é proprio material, e de não trabalhar absolutamente mais de 8 horas.

A Liga se propoe ausiliar pecuniariamente aos associados caso o mestre não queira aceder ao nosso pedido; e se necessario for, se farà greve parcial.

Os companheiros em greve serão obrigados a servir na commissão, para que nenhum **krumiro** *trabalhe no serviço de tães mestre.*

Os que ainda não são associados poderão vir associar-se na sede da Liga á rua JOSÉ BONIFACIO n. 33, onde encontrarão sempre um Companheiro das 7 e meia ás 9 e meia da noite, todos os dias uteis.

O boicote ao Matarazzo

Consta que o F. Matarazzo mandou parar o moinho do Pilar que funcionava sob a firma de pessoa á sua dipendencia diréta e está pondo agora no mercado a farinha da sua Casa boicottada com marca e saccos da casa de Pilar. Os operarios não se deixem illudir!

Para o prossimo numero: **A proposito de uma conferencia** *de Federico Brito;* Ao correr da pena *de Alher Riera, Santos.*

PELO ESTADO

Campinas

COMICIO ANTIMILITARISTA

A «Liga Operaria» está preparando um comicio contra as infamias do militarismo e de protesto contra a lei do serviço militar obrigatório. Quem conhece a àtividade demonstrada pelos camaradas de lá em todas as suas iniciativas, não pode deixar de prognosticar para este comicio os mais lisonjeiros rezultados.

E é precizo! tudo quanto os operarios poderem fazer para impedir a realização deste mil vezes infame projèto nunca será demaziado.

Se não procurarmos cortar a cabeça do monstro emquanto ainda pequeno, ser-nos-á dificil livrar-mo-nos dèle, desde que as suas garras se tenham aprofundado no nosso organismo social, desde que os seus tentáculos, agarrando-nos e esmagando-nos em suas espirais, nos reduza à condição bestial a que estão desgraçadamente reduzidos os nossos irmãos de alem-mar.

*** Os pintores e carpinteiros realizaram nesta semana uma reúnião jeral dos operários de sua classe para tratar de importantes questões que a éla se referem.

*** Entraram a fazer parte desta Liga Operaria todos os empregados do Matadouro e os empregados da Compagnia do Gaz.

*** Alguns moços, empregados do commercio, bem intencionados e àtivos, estão tratando de lançar entre seus camaradas a ideia de uma associação de classe. Se a iniciativa *pegar*, como esperamos, se os empregados do comercio em Campinas não ficarem surdos ao apèlo de seus camaradas, o ezemplo repercutirá sobre a grande massa dos operários da classe que aqui, como em todo o paiz, vive descuidada de si, de seus interesses, em bajulamentos indecorozos dando prova de uma inconciencia fenomenal.

Que de Campinas surja para todos os empregados do commercio do estado uma nova èra dc dignidade! Eis os nossos mais ardentes dezejos.

*** Os padres estão sendo cada dia mais donos da cidade. Agora idearam a fundação do Bispado, para o qual a Camara concorreu com 50 contos. Escuzado é dizer que este *dinheirinho* sae do bolso dos contribuintes operários, que aliás são prejudicados com a àção embrutecedora dos homens de batina.

Amparo

Noticias recebidas de lá nos informam que a «Liga Operária» continua na sua marcha ascendente no caminho do progresso. No próssimo Domingo, 2 de Fevereiro, o camarada Sorelli realizará em Amparo uma conferencia de propaganda em lingua italiana sobre o tema: *Il dovere del proletariato.*

Jundiahy

Domingo, 26, os operarios e socios da Liga fazem uma reunião jeral para tratar de assuntos inerentes ao bom funcionamento da mesma e á propaganda de organização operaria.

A esta reunião assisterá um dos membros da Federação operaria.

As proezas de Jorge Lutzoff

Quando este velhaco era chefe do depózito de Caza Branca esplodiu uma bomba em caza do ajudante do chefe do tráfego, um tal sr. Gama.

Estes dois senhores lembraram-se de atribuir a consumação deste facto aos maquinistas Luiz Alves e João Manoel da Rocha, mandando-os prender e conduzir a S. Paulo onde ficaram encarcerados.

Depois de procederem ao costumado inquérito, farejando vítimas, verificaram que os dois honestos trabalhadores estavam inocentes, sendo por este facto postos em liberdade, reassumindo o lugar que antes assumiam, o que não obstou que suas familias passassem algumas necessidades e sofressem diversos abalos; mas a cumplicidade do sr. Jorge foi tão manifesta nesta questão da esplozão que obrigou a dirèção da Companhia *Mogiana*, a remove-lo para maquinista passando, por esse facto, de cavalo a burro, conforme a espressão popular.

Não obstante todas estas decèções do sr. Jorge, nada impediu que ėle continuasse a desenrolar todo um repertorio de proezas e de altos feitos com tendencias gananciozas, levando-o estas, a ocupar o alto cargo de banqueiro do bicho. Quando corria com o trem do Pinhal aí esplorou tão infamemente, tão descaradamente os infelizes que apenas contavam com os mizeraveis tostões para o seu sustento, que as autoridades do Pinhal viram-se na emerjencia de dar parte desse homem e dos seus estratajemas aos seus superiores, sendo por esse motivo removido desse trem para o Tronco.

Mas como, apezar de tudo, os grandes patifes dispõem sempre duma escura protèção, por esse motivo o já agora célebre Jorge conseguiu adquirir, contra a vontade de um seu superior, o logar que tinha, e tanto andou que alcançou ser outra vez chefe de depózito, logar que hoje ocupa em Campinas.

Assim, tendo sido no dia 2 do corrente concedido o horario de 8 horas aos limpadores de máquinas, organizado pelo sujeito acima citado e chefe dos mesmos, devido ás cabalas que desenvolveu para conquistar o seu posto de guerra, e acontecendo que havia 9 máquinas para ser limpas das cinco horas da tarde á uma hora da manhã, havendo para este serviço 6 limpadores, só limparam 8 maquinas.

Era feitor da turma até ás 10 e meia da noite o sr. Manuel Alho e depois dessa hora até de manhã entrou a tomar conta do serviço o feitor José Fernandes Gonçalves, bajulador emerito dos chefes e a prova disto é êle bastante vezes ter abandonado o serviço sem ordem de quem compete, chegando até outras vezes a forjar, êle, leis de encontro ás que estão estabelecidas, sem que com tudo isto lhe tenham sido feitas observações de qualquer natureza.

Mas como o sr. Jorge gosta de todos que o adulam e lhe mandam prezentes, fez recair toda a culpa no feitor Manuel Alho porque este tem dignidade e brio e não tem feitio de adular, de engrossar, quando é certo que a culpa a ambos cabia, se culpa se pode chamar o não terem tempo de limpar todas as máquinas.

Está mais provado que o sr. Jorge Fernandes podia ter dado conta do serviço e não o deu simplesmente para amolar o outro pobre que nem por sombras desconfiava da tramóia que lhe preparavam, tendo sido removido, por isto, porque o sr. Jorge não simpatiza com o sr. Alho e precizava de dar o lugar a um afilhado seu... e doutros... cometendo, por questões de apadrinhamentos, infames injustiças que nada recomendam.

Que dizem a isto os srs. superiores?

As suas relijiões mandam-lhe perpetrar, cometer injustiças deste quilate, como a cometide contra o pobre Manoel Alho.

Os factos aqui ficam apontados em toda a sua nudez. Não somos dos que confiamos na diplomacia, mas se êla vale alguma coiza, uma ocazião propicia se aprezenta para a fazer realçar.

Estes factos cometem-se impunemente. Bradarmos daqui pedindo justiça, talvez não chegue aos ouvidos dos que não dezejam, nem querem ouvir-nos.

Depois quando num momento de ezaltação e de revindicta se sai fora das normas da legalidade burgueza, chamam-nos violentos, dezordeiros, subversivos, energúmenos......

Mas a justiça!! Onde pairará essa senhora?

Por onde andará semelhante passaro, semelhante ave? Com certeza que nunca passou por estas parajens.

A' ultima hora sabemos dum facto acontecido em Uberaba, cometido contra a pessoa dum honesto chefe de familia pelo muito prepotente Torquato ou Tortura da Silva.

A seu tempo esminçaremos este cúmulo de arbitrariedade. Mas consta que este sr. tem tambem o oficio de taberneiro de secos e molhados obrigando os pobres operários, seus subordinados, a comprarem no seu estabelecimento, jéneros maus e mais caros.

Vale-se da situação de ser chefe dos desgraçados para lhes tirar por um lado o dinheiro que a companhia lhes dá por outro, qual seja em troca do seu suor e da sua saude.

E dizem que não ha negreiros! E' que agora os mesmos brancos são escravos.

Que diz a isto o sr. Rebouças? Remeter-se-á ao costumado silencio?

Quererá com o seu silencio tornar-se conivente em semelhantes atentados á bolsa e ao decoro dos trabalhadores???

Campinas

UM OPERARIO CATÓLICO.

SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO

O grande comicio operario do Rio

No domingo passado realizou-se na séde da *Federação Operaria* o importante comicio anti-militarista preparado pelos operarios do Rio.

O vasto salão da rua do Hospicio estava repleto de operarios que tinham ido manifestar o seu odio ao *serviço obrigatorio* convencidos dos danos que á colètividade operaria pode trazer esta que nós chamamos: *a mais infame das leis.*

Diversos camaradas e operarios fizeram uso de palavra e todos falaram contra o militarismo demonstrando, cousa aliás muito facil, como êle esteja àtualmente esmagando as energias das grandes nações e como a sua acção seja um contínuo obstaculo ao desenvolvimento, ao progresso economico e moral das novas gerações.

Foi fundada uma *Liga anti-militarista* que deverá ter ramificações em todo o Brasil para assim desenvolver o mais possivel a propaganda e conseguir aliciar o maior numero de adeptos a este grande movimento de protesto e de reacção.

Nós tambem não devemos descuidar desta iniciativa, e, sem procurar mesclar-nos com os que dela se servem para seus fins politicos, façamos, agora como sempre, acção esclusivamente *de classe*, reajamos, não nos sujeitemos a vestir a farda, porque sendo soldados nos mandarão amanhã contra os nossos irmãos de trabalho quando êles iniciarem a luta contra os nossos opressores.

O povo deve gozar, deve saborear as comodidades da vida: a verdadeira, a grande revolução está em adquirir o povo necessidades que hoje só o rico sente; em perder o hábito de viver mizeravelmente e de servir; em reclamar para si os beneficios da civilisação; em considerar o átual estado de coisas como um estado de barbaria e em não mais se deixar enfrear por ninguem, em não mais se deixar reduzir á mizeria, á escravidão, porque a vida cómoda e o trabalho em proveito próprio terão entrado a fazer parte da natureza humana.

A VIDA NAS FAZENDAS

Na fazenda *Atalaia* dum tal Jozé Lacerda, em Arraial dos Souzas, trabalhava desde alguns mezes uma familia de colonos, cujo chefe se chama Giovanni Avena.

Como não podessem suportar a vida embrutecedora do cafèzal á qual não estavam acostumados, sendo êles operarios da industria, e, julgando serem ainda donos da sua liberdade, manifestaram ao administrador a ideia de abandonarem a fazenda.

Era o cúmulo do atrevimento!

O patrão para lhes demonstrar que os escravos não podem nem devem pensar, sequer, em deixar o feudo do seu dono, mandou-os chamar á ordem pelos capangas armados de garrucha.

Estes brutos saciaram com êles a sua malvada brutalidade, despiram-nos, roubaram-lhes objètos de valor e uns vintens que possuiam, não respeitando sequer as mulheres que foram despidas completamente para ver se escondiam dinheiro ou objètos de ouro.

E haverá ainda alguem que diga que a escravidão no Brasil foi abolida?

Não achamos!

Nos outros estados

Os telegramas nos anunciam ter rebentado uma greve nos operários adeptos aos trabalhos de construção da Estrada de ferro no Paraná. Consta que ao ministro Calmon foi pedido com urjencia o envio de tropas para reprimir a sublevação operária.

Procuraremos dar no prossimo número os pormenores deste movimento cauzado certamente pela prepotencia ou pela avidez dos capitalistas.

CRONICA INTERNACIONAL

Na Austrália

ACÇÃO LEGAL E ACÇÃO DIRECTA

Lê-se no *Coast Seamen's Jurnal* (Jornal dos Maritimos da Costa): « Há 51 anos que se formou na Austrália, em Melbourne, a primeira « Liga das 8 horas », e o parlamento ainda não tornou legal a jornada de 8 horas».

No *Socialist*, de Melbourne, lemos: « O sr. J. Praed, secretário geral da Associação dos Mineiros Australianos, recebeu a seguinte carta do sr. D. F. Bosher, secretário da Associação de Proprietários de Minas Ballarat: « Nenhuma alteração será feita na escala dos salários, mas acedemos á vossa reclamação, concedendo as seis horas aos mineiros que trabalham onde a temperatura é de 80º ou mais, e um aumento de 6 *pence*, por 8 horas, aos trocadores que trabalham sob a mesma temperatura». Quanto á reducção de horas, a concessão feita pelos patrões mineiros de 6 em vez de 8 horas, sem diminução de salário, é significativa, e indica o que breve se generalizará.

A « Comissão da Jornada de 6 Horas » continua a fazer progressos na sua propaganda dentro das uniões do oficio. O pedido das 6 horas acaba tambem de ser adoptado pelos «Fabricantes de Instrumentos e Máquinas Agricolas de Victoria», em quanto a «União de Construtores de Carros» e «Sociedade Tipografica de Melbourne» adiaram o debate sobre o assunto para as suas reuniões semestrais; prevê-se que a proposta triumfe por grande maioria.

Quando as uniões, em sua maioria, tiverem obtido as 6 horas pela acção directa, tendo as 8 horas passado á história, o parlamento ainda declarará que a jornada legal de 8 horas é um crime (*an outrage*), uma impossibilidade, e inconstitucional; mas com isso não se importará o operariado.

UM BOICOTE NA ALEMANHA

A grande caza comercial Jahudorf, de Berlim com sucursais em todos os bairos, recuzou satisfazer as reclamações dos seus empregados e ameaçou despedi-los, se não assinassem um regulameuto draconiano. Foi-lhe declarada a boicotajem, cujos manifestos eram distrtbuidos aos tranzeuntes sobretudo pelas mulheres dos empregados, sendo muitas prêzas por isso. Dentro de poucos dias a caza cedia.

UM LOCK-OUT NO HORIZONTE

A « União dos Empreteiros Alemães », que conta 14.000 menbros, e espera reunir a maior parte dos 40.000 patrões da indústria da construção ezistentes na Alemanha, rezolveu preparar-se para declarar um *lock-out* (encerramento de oficinas, cessação do trabalho por ordem dos patrões) geral em toda a Alemanha, por ocazião duma reivendicação operária.

Veremos o que serão capazes de fazer, em resposta, as ricas associações de operarios construtores.

Nos Estados Unidos

A CRIZE INDUSTRIAL

A crize continua grave; fábricas fecham, e os salarios diminuem. Em dois mezes, até 15 de dezembro, ficaram dezocupados 250.000 trabalhadores e outros tantos aceitaram reduções de 10 e mais por cento nos salários, quando os preços dos generos sobem. A repatriação dos europeus duplicou, subindo os preços das passagens de 3.ª classe. De Nowa-York já tinham partido mais de 600 mil pessoas,

GREVE DE MINEIROS

As Companhias mineiras do Estado de Nevada pretendiam pagar aos mineiros em cheques não garantidos por élas, isto é, que sofreriam desconto (em proveito de corretores mancomunados com os proprietários de minas).

Daqui a greve, e as provocações dos capitalistas, e o envio de tropas por Roosevelt.

Agora as Companhias querem tambem diminuir os salários. E como não lhes agrada a orientação, a atitude da «Federação dos Mineiros do Oeste», de franca luta de classe, para semear a divizão entre operarios, repudiem os membros dessa Federação e declaram aceitar só os afiliados na «Federação Americana do Trabalho», toda «paz social.»

Causa a esuberancia de materia precisamos adiar para o outro numero a publicação dos balancetes da «gréve de Maio» e da Federação.

GUARDA CIVICA

Uma pozição humilhante e revoltante, para um individuo é seguramente a pozição de soldado. Vemos o soldado á dispozição dos nossos algozes cometer os mais horrendos crimes, impunemente.

Esse individuo inconciente, desprotejido pela sorte, sem oficio, sem trabalho de qualidade alguma, vai sentar praça para ganhar com que sustentar-se com sua familia.

Aprezenta-se ao quartel, faz pedido de ser admittido no batalhão e depois de ter prestado todas as informações necessarias, é aceito; logo o vestem de umas roupas multicores e de botões luzidios com aspéto carnavalesco, metem-lhe um facão na cintura, que nenhum açougueiro tem necessidade de uzar, e que serve para bater noutros individuos, que não querem sujeitar-se á imposição de patrões. Serve de carrasco.

Temos observado o mais revoltante servilismo nos soldados, especialmente na Guarda Civica da Capital, para com os superiores: O soldado deve «fazer serviço» na rua durante tantas horas por dia; tem que dormir pouco para estar á hora no quartel, e saír perfilado com centenas de seus semelhantes ao comando dum superior que faz dêles outros tantos bonecos; a uma sua ordem perfilamse, a outra marcham, e sempre por ordens viram para um lado, para outro, correm, vão de vagar, param, prendem operarios, defendem patrões, tudo como se fosse um majico a fazer «trabalhar» as suas maravilhas.

Durante o «serviço» que faz na rua, não póde fumar, não póde conversar com ninguem, nem estar parado. Cada momento passa um official, rondando; pergunta se ha «novidades», pergunta-lhe o que fez no intervalo de uma ronda á outra; carrancudo, olha-lhe para o *kepi*, a ver se está direito na cabeça, para os botões, para o fardamento e para as botinas a ver se estão sujas. Se achar que o pé não assenta bem no chão, manda-o marchar no meio da rua, á vista de quem passa, passa-lhe descomposturas, pergunta-lhe porque cometeu a tal falta, com severidade e autoridade, chamando-o besta. burro etc.; e quando o guarda abre a boca para responder, sempre tezo como um páo, o official manda-o calar xingando-o de besta, estupido etc.... e meia volta volver, marche! e o guarda faz continencia, vira as costas e caminha, sempre calado e resignado, em vez de rebellar-se, jogar fora o fardamento e o facão e tomar um instrumento de trabalho e meter-se na grande falange dos produtores, e lutar com elles pela emancipação.

P.

Por ter ele, em occasião de uma grève no seu estabelecimento, posto na rua centenas de pais de familia, pondo-os na impossibilidade de trazer o pão aos seus filhos, e pelos sistemas escravocratas que em suas fabricas vijem

Não compremos os generos de F. MATARAZZO & C.

***

Por ser ele o mais atrevido dos patrões; pelos insultos com que costuma apostrofar os operarios; pelas infamias por ele cometidas

Não ides trabalhar na fabrica de JOAQUIM DOS SANTOS MALTA.

***

Por não ter querido ceder ás justas reclamações dos seus operarios;

Não compreis os chapéus de EVANGELISTA CERVONE & C.

***

Por ser o jornal mais velhaco de todo o Estado de S. Paulo

Não leiais IL SECOLO.

AS OITO HORAS

Em S. Paulo, Campinas e Santos obteve-se a jornada de oito horas com uma relativa facilidade. Diz alguem que esta vitória foi devida á abundáncia de trabalho e a um momento de entuziasmo popular — portanto, não sendo ella uma conquista alcançada concientemente, não é efètiva, de maneira que, logo que haja falta de serviço deveremos voltar ao horario antigo ficando os desocupados na mais negra mizeria.

Eu acho que isto não é verdade e o estão demonstrando os factos. Os operàrios das classes que se puzeram em luta pelas 8 horas não eram guiados pelo entuziasmo do momento, mas, em maioria conheciam a importancia desta conquista, sentiam emfim a necessidade imperioza de alcançar esta melhora.

Se não fosse isso, não teriam resistido, não resistiriam, á desforra que as patrões querem tomar. Os trabalhadores em veiculos já, sem esforços, normalizaram o horario; os marceneiros e carpinteiros reajiram unanimes contra a imposição de maior horario, fizeram greve e ganharam dando aos proprietarios um ezemplo da sua força, o que pela certa, lhes tirou a vontade de voltar ao ataque; os chapeleiros lutaram, lutam ainda para conservar a sua conquista e lutam com uma enerjia que bem dá para esperar pelo rezultado da mesma.

Não creio que quando haja falta de serviço os patrões façam impozições porque neste caso procuraremos trabalhar menos horas para que ninguem fique desocupado.

Atualmente tambem poderiamos trabalhar menos se não houvesse tanta jente que se ocupa em trabalhos inuteis: soldados vendedores de bilhetes de loteria e outros mais. Esta jente podia muito bem dedicar-se a um trabalho util á sociedade, indo trabalhar na officina: assim podiase alcançar uma maior diminução de horas de trabalho.

Os nossos esforços devem ser agora dispendidos em convencer os nossos companheiros de que precizamos tanto trabalhar menos horas quanto maior for o numero dos desempregados e fazer propaganda para que os que não têm oficio se dediquem a algo de util e honesto.

Quando se verificar a falta de trabalho, os patrões farão outro fiasco, porque saberemos impedir que cometame sses abuzos que hoje estão preparando.

UM OPERARIO.

OS SINDICATOS

DELIBERAÇÕES

Alfaiates de encommenda

Secção da commissão, em 23 de Janeiro de 1907

Deliberou-se presente todos os Srs. da comissão, de encarregar um cobrador effetivo para a nossa Liga e em seguida marcou-se uma reunião do Conselho para a prosima quinta-feira. 30 do corrente. A COMISSÃO

Pedreiros.— Na assembléa realizada em 18 do corrente, dos socios deste gremio, foi deliberado:

Ajudar com 50$000 os chapeleiros em grève;

Diminuir as quotas de 2$000 mensais para 1$500 com direito a receberem os associados a *A Luta Proletaria*, cujas assinaturas serão pagas dirétamente pela Liga;

Foi aprovado o balancete trimcstral já publicado no numero passado do jornal;

Foi aprovada a *censura* pelo periodo de um ano para os conselheiros Domingo Postacchini e Attilio Marazzi e para os socios Antonio Falloni e Paulo Lembo pelos seus maus comportamentos para com o sindicato e o ultimo tambem por não ter querido pagar 3 bilhetes da festa dos Trabalhadores em Vehiculos;

Pedimos pela ultima vez a todos os que têm bilhetes da ultima festa da União dos Sindicatos para virem prestar contas com a maior urgencia.

Pintores. —Além de outras deliberações de caracter interno foi aprovado um ausilio de 100$000 aos Chapeleiros.

Costureiras de Carregação. —Reuniram-se na terça-feira as socias deste sindicato e além de outras deliberações de caráter interno foi aprovado de dar encargo a um cobrador de ir receber por conta do sindicato as mensalidades das diversas socias.

Marceneiros.— Uma boa deliberação tomaram os Trabalhadores em Madeira em sua reunião de 17: impedir enerjicamente e por qualquer meio, que nas oficinas, onde já se trabalha 8 horas seja imposto o *extraordinario*.

Foi procedida á nomeação do novo conselho esecutivo e foram distribuidas listas de subscrição para ajudar os Chapeleiros.

REUNIÕES

Para tratar com urgencia da questão dos Chapeleiros é convidado o comité da Federação Operaria para uma reunião no «Domingo 26 as 7 horas».

***

Trabalhadores em Madeira

Os socios se reunem todos as sestasfeiras as 7 e meia da noite.

***

Os socios da **COOPERATIVA OPERARIA** são convidados para uma reunião geral da classe que se realisará domingo, 26 do corrente, ás 2 horas, na rua Rodrigues dos Santos n. 64 e na qual será discutida a seguinte

Ordem do dia

Apresentação do balancete geral;
Reorganização das Commissões;
Normalisação das entradas;
Varias.

***

COSTUREIRAS DE CARREGAÇÃO.— No domingo 2 de Fevereiro, se reunem as socias para tratar de questões que se referem ao Sindicato.

***

PINTORES.— Pelo apêlo que publicamos noutra parte do jornal são convidados os pintores para uma reunião e conferencia de propaganda no domingo, 26, das 2 ás 5 da tarde no Salão artistico, rua Boa Vista, 22.

***

A UNIÃO DOS SINDICATOS convida a Commissão da Liga das Costureiras (modistas) para chamar quanto antes, uma assemblea geral das suas socias para tratar de assuntos que se referem a mesma Liga.

FOLHETIM — N. 2

O DIA DE 8 HORAS

Tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França

Deste modo, o tempo livre obtido por éstes 250 operarios teve dupla repercussão: melhoramento intelectual para cada um, e, além disso, pelo facto do aumento do consumo rezultante da compra de livros, póde-se dizer que aumentou o trabalho.

Este dezejo de instrução, paralelo á diminuição das horas de trabalho, está comprovado com muitos ezemplos práticos: viu-se na Inglaterra, em toda a região textil, quando, no meio do ultimo seculo, se reduziu o dia de trabalho a 10 horas. Numa só cidade, em Leeds, ezistiram em 1894, cincoenta escolas nocturnas, creadas depois da redução do dia de trabalho, e igual dezejo de se instruir, igual dezinvolvimento intelectual esperimentou-se em todos os centros de tecelagem. Ha patrões que arguem: «Se o operario deixar cêdo o labor diario, mais cedo irá pare a taverna...».

O contrario é que é certo: se o operario sai da oficina cêdo, irá muito menos á taverna.

Os factos provam-no! Vejamo-lo!

O regimen das OITO HORAS funciona nos laboratorios de gaz de Londres, e, desde a sua implantação, os operarios adquiriram a sobriedade, ao passo que antes, com os dias de trabalho prolongados, por cada dez individuos contavam-se sete bebados: quando terminavam o trabalho não tinham senão uma preocupação: ir beber.

Os mineiros de Nothumberland (Inglaterra) estão muito bem reputados pela sua sobriedade, e isto deve-se ao facto de a duração do seu trabalho ser aproximadamente de 7 horas diarias.

Estas demonstraçõis não tem nada de incompreensiveis. E', com effeito, muito natural que, menos cançado, o trabalhador tenha uma maior actividade produtiva; e tambem é natural que não procure um consolo na bebida.

Com os dias de trabalho curtos, o operario esperimentará maior prazer na esistencia e se esforçará em gozar da vida sãmente; e, como isto lhe acarretará novas despezas, elle, longe de permitir a mais insignificante diminuição no salario, verse-á onstrangido a esigir sempre novos aumentos.

Logo, QUANTO MAIS CURTO É O DIA DE TRABALHO, MAIS ELEVADO É O SALARIO.

Alguns ezemplos vão demonstrar-no-lo. Resumindo algumas cifras de salarios pagos na Inglaterra e nos Estados Unidos e comparando cada um destes salarios — assim como as horas de trabalho — com os salarios e as horas de trabalho em França, ver-se-á que esta propozição é ezacta: QUANTO MAIS CURTO É O DIA DO TRABALHO, MAIS ELEVADO É O SALARIO!

Os *canteiros* ganham: na Inglaterra, 1.05 francos por hora (trabalham 50 horas por semana); nos Estados Unidos, 2.20 (trabalham 48 horas e meia por semana).

Os *escultores* ganham na Inglaterra, 1.08 francos (com 50 horas por semana); nos Estados Unidos, 2.30 (com 49 horas e meia).

Os *ferreiros:* na Inglaterra, 0.90 francos (com 53 horas e meia); nos Estados Unidos, 1.50 (com 56 horas por semana).

Os *fundidores de ferro:* na Inglaterra, 0,95 francos (com 53 horas e meias de labor semanal); nos Estados Unidos, 1.52 (com 56 horas).

Os *fundidores de chumbo:* Inglaterra, 1.05 francos (com 49 horas); nos Estados Unidos, 2,25 (com 49 horas).

Os *serventes de pedreiros:* na Inglaterra, 0.85 francos (com 52 horas); nos Estados Unidos, 1.48 (com 48 horas).

Os *pedreiros:* na Inglaterra, 1,08 francos (com 52 horas); nos Estados Unidos, 2.80 (com 48 horas).

Os *carpinteiros de obras:* na Inglaterra, 1.05 francos (com 49 horas e meia).

Os *pintores de ornatos:* na Inglaterra, 0.95 francos (com 51 horas); nos Estados Unidos, 1.80 francos (com 49 horas).

Os *tipógrafos:* na Inglaterra, 0.95 francos (com 50 horas); nos Estados Unidos, 2.30 (com 50 horas).

A estes ezemplos — e para os corroborar — acrecentamos este facto caracteristico: A Belgica é um dos paizes onde os salarios são dos mais baixos e por conseguinte, os dias de trabalho são mais prolongados.

Por outro lado, não se deve imaginar que é só porque as subsistencias são mais caras, que na Inglaterra e nos Estados Unidos os salarios são mais elevados. Não. Os salarios não são proporcionais ao custo da vida.

O operarario norte-americano destina sómente um terço do seu salario á nutrição, ao passo que outro gasta com ella mais de metade do que ganha. E além disso temos que o operario norte-americano come duas vesés mais do que os outros.

Donde se segue que o trabalhodor norte-americano vive mais anos.

A estes exemplos evidentes, juntamos outros mais evidentes colhidos na Austria e em Nova Zelandia. Nestes paizes, que se adiantam aos outros, graças a uma vigorosa acção societaria, foi conquistado O DIA DE 8 HORAS: em 1855, pelos pedreiros de Sydney; no ano seguinte, por um acôrdo unanime obtiveram-no em Melbourne, quasi todos as corporações. Depois, o movimento de redução da duração das horas do trabalho estendeu-se a todo o paiz.

Naquelles longinquos paizes oceánicos, como em todas as partes, verifica-se o fenómeno: A DIAS DE TRABALHO CURTOS, ALTOS SALARIOS!

Em Sydney, em Melbourne, o salario do operario qualificado no seu oficio varia entre 10 e 11.25 francos. E a vida é mais barata que em França. Nestas duas cidades (que são das da Australia onde o custo das subsistencias é mais elevado) obtem-se no restaurante uma comida completa por 60 centésimos. Por esse preço servem: sopa, um prato de carne com legumes, sobremeza, pão e chá.

Em Nova Zelandia, os salarios dos operarios das cidades

(Continúa)